



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Baldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Meneses; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—Chronica, por Joaquim Lima.—Pensamento, versos, por Simões Dias.—Vida intima dos ministros portuguezes no tempo de D. João V, por Pinheiro Chagas.—A morte do amor, por Naulilus.—Pensando em ti, versos, por Alvaro de Castellões.—O toireiro, conto, por José Montet.—Das pequenas nacionalidades europeas, por Alberto Pimentel.—O vestido nupcial, conto, por Magalhães Fonseca.—As nossas gravuras.—Em familia (*Passatempos*).—A rir.—Um conselho por semana.—Tracos da historia contemporanea, por A. C.

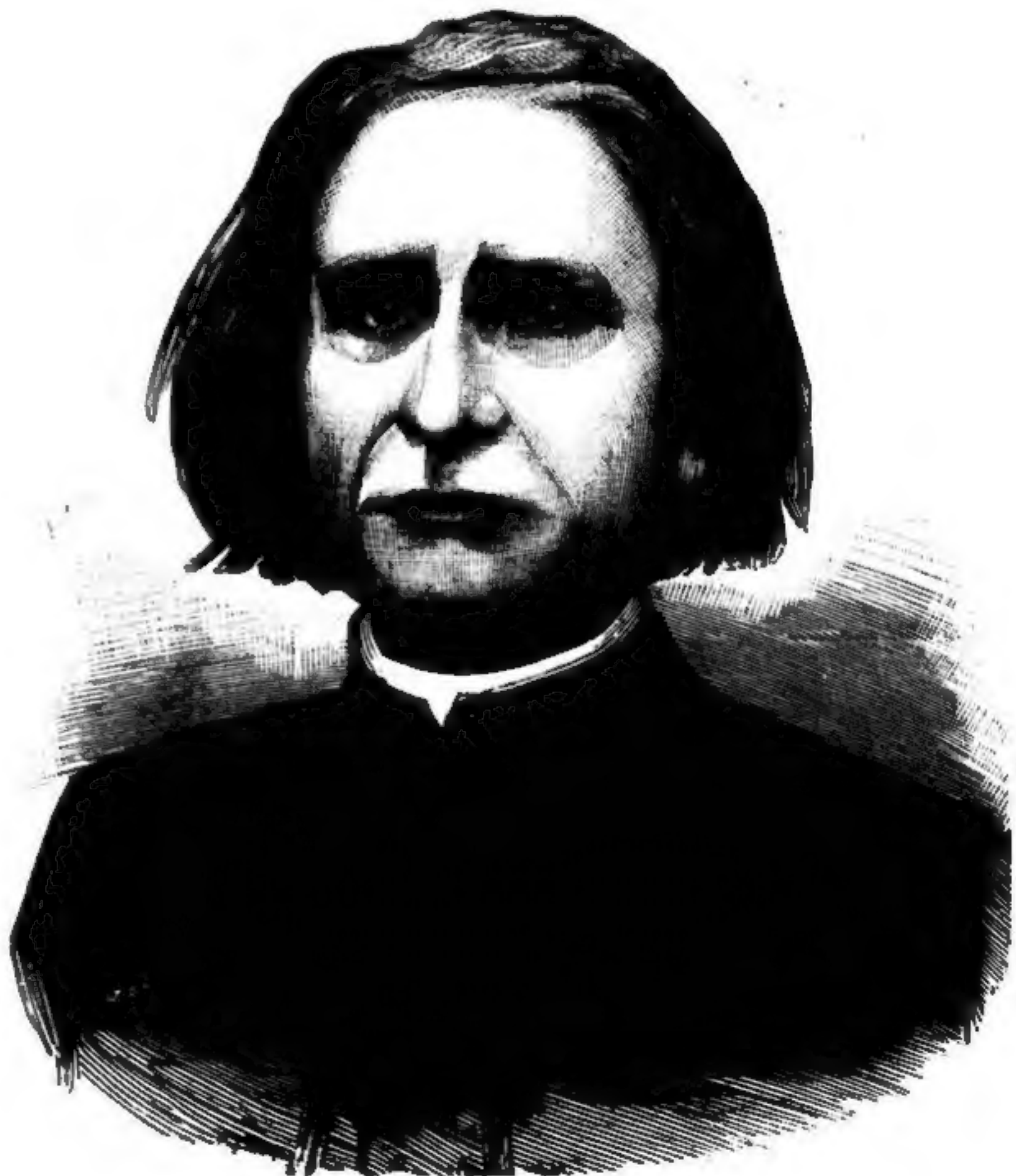
GRAVURAS:—O pianista Franz Listz.—Ilha do Bispo.—O alistamento de um recruta.—Caminhos de ferro aereos, em New-York.—O ascensor da calçada do Lavra.

CHRONICA

Que bella noite a de hoje! Que esplendido luar para uma aventura galante, e que tortura a minha, forçado que me vejo a discutir sobre as delicias que me não deixam gozar!

Vem, minha doce amante, vem reclinar-te em meus braços! Dá-me que eu possa, n'esses teus labios puros, beber o nectar voluptuoso que brandamente me aparta das amarguras da vida! Tu, que és intelligente e meiga, convence-me, se podes, de que não ha no mundo a *Illustração Portuguesa*, ou faze-me a Chronica, meu anjo!

Como eu seria feliz, se n'este ins-



O PIANISTA FRANZ LISTZ

tante podesse transportar-me ás brisas salutaras da velha Cintra poetica...

Deus me livre de semelhante asneira! Tinha-me apenas esquecido de que a esta hora, na velha Cintra poetica, andam as pneumonias divagando em busca dos admiradores da lia. Felizmente, este anno, creio que abundam pouco por lá os phantasistas.

Cintra, a calcular pelas correspondencias da minha amiga L. M., é actualmente o sitio onde com menos difficuldade uma pessoa se aborrece. A aristocracia que ali demora, tanto receia a imputação de *japoneza*, que se inglesou de um modo lastimavel.

Os Setiaes e os Pisões são dois desertos. Campeia impune o piano. Toma-se chá á noitinha, e pelo dia adiante é um nunca acabar de suspiros abafados, que só tem rival nos que D. Jayme soltava quando vivia na choça.

O grande mundo concentra-se; quer-se affastar dos *parvenus*; quer bocejar ás escondidas. E viva a samsa-boria!

Decididamente a temperatura em Cintra desceu a zero, desde que S. M. a Rainha deliberou voltar-lhe as costas. Em compensação aqueceu de uma maneira extraordinaria a temperatura das Caldas.

S. M. tem-se ali visto cercada de todas as atenções, de todos os enthusiasmos, e de todas as phylarmonicas. Esta ultima parte, não sendo, embora, sobremancira invejavel, serve ao menos para demonstrar que são *japonezes* os admiradores da rainha. E' o povo e simplesmente o povo, mais grato e menos frio do que a corte, quem solta sem reboço a alegria que naturalmente o invade, ao contacto d'essa mão aristocratica, cujo amparo tantas vezes implora e que lhe é dado tantas vezes. Porque a verdade é que a rainha gosa da estima do povo, por muito que tenham querido deturpar-lhe a caridade que para com elle exerce largamente e continuamente.

A sr.^a D. Maria Pia tem sido, e será por largo tempo, um dos obstaculos mais serios com que luta a corrente de petroleo, que todos os dias vem desaguar no *Seculo*, sem causar morte de homem no caminho.

E' que, em face de uma rainha como a nossa, difficilmente se tem odio ao rei. E' mais correcto invejal-o.

E, contudo, não é nas Caldas, como não era em Cintra, que mais alegremente agora eu poderia viver. Caneças é o meu sonho!

Queria gosar de perto a *Ávante Canecense*, philarmonica regida pela sr.^a D. Carolina Lourenço, cuja dedicação para com a musica da terra todos os dias se evidencia. Educou, philarmonicamente, trinta e tantos homens do campo, e, não contente com isto, forneceu-lhes o instrumento!

Eis porque a *Ávante Canecense*, a despeito das difficuldades com que tem luctado, não morre, *descança*, como figuradamente affirma a sr.^a D. Carolina Lourenço.

Tudo isto veio a proposito da *Kermesse* que brevemente se inaugura em Caneças, a favor da citada banda marcial. Eu gosto muito de si, sr.^a D. Carolina!

Visto porém que não posso ausentar-me de Lisboa, isto por circumstancias entre as quaes avulta o excesso de falta de dinheiro, resigno-me a saborear com prazer a solemne descompostura de que é alvo, por parte do sr. Luiz Rebello, o auctor da philosophia nacional adoptada nos lyceus, contra a qual a reforma da instrucção secundaria não se atreveu a legislar.

Diga-se porem a verdade, o livro do sr. Pedro Monteiro pode não ser de uma belleza encantadora, mas é capaz de mergulhar nas delicias do somno mais profundo um tysico em ultimo grau. E o sr. Luiz Rebello, que já escreveu sete artigos e promete continuar, bem

se vê que pretende escurecer, com as suas, as habilidades da sua victima.

Na Escola Medica, dá-se outro caso estupendo: A despeito de todas as manifestações dos estudantes contra o regimen actual da escola, querem propôr ao governo a suppressão da faculdade de medicina em Coimbra. Parece-me que estão embriagados.

E agora, não ha remedio, vamos lá um pedacinho ao Colyseo.

Vamos, que temos muito que ouvir e temos muito que vêr. O *Ernani*, o *Rigoletto*, o *Baile*, o *Trovador*, o *Fausto*, de tudo isto lhes poderia dar conta, se tivesse animo e sciencia para levar a cabo uma empresa de tanto folego e de tão pequena originalidade.

Duas palavras apenas sobre o sr. Gasparini, que, segundo dizem, é filho de paes incognitos, mas, segundo eu penso, é filho do Gaspar da viola e da Maria sua amada. E' um artista de primeira ordem que, no entender de um critico musical muito nosso conhecido, possui todos os requisitos indispensaveis a um cantor, menos voz.

Teve uma ovação no 4.^o acto da *Lucia*, precisamente no instante em que se suicidou. Foi uma illusão para o publico, porque o sr. Gasparini resuscitou pouco depois e só tornou a suicidar-se no dia seguinte, ao receber novamente a desoladora noticia de que a sr.^a Boy-Gilbert tinha enlouquecido, desgosto que mais profundo lhe pareceu ao saber que ella, na scena da loucura, tinha agradado muito.

Ainda d'esta vez, não foi de vez, sr. Mendonça e Costa. Gasparinini vive ainda, e aconselhamos a empresa a que não aperte com elle, dispensando-o assim de seguir o exemplo do seu collega Cattá, que no Porto se matou devéras, quando se convenceu de que a cidade invicta não estava para o soffrer.

O sr. Gasparini, em Lisboa, já se devia ter convencido. Isto porém não é aconselhal-o a resoluções criminosas.

Em contraposição com o tenor, podiamos fallar por exemplo do sr. Blanchard, um bom e sympathico barytone, com quem o publico não tem sido avaro de applausos.

O sr. Blanchard, porém, acha-se perdidamente enamorado, e não quero, com a minha prosa, perturbar-lhe as delicias da lua de mel.

A chronica vae longa, e eu estou sinceramente aborrecido.

Afirmam-me que o sr. Blanchard, no genero sôpa, tem uma predilecção decidida pela Julianna. Também eu.

JOAQUIM LIMA

PENSAMENTO

Pensa em Deus a alma crente, e a mãe no filho,
Pensa no orvalho a perfumada rosa,
O artista na sua obra, e no tomilho
Pensa talvez a inquieta mariposa.

Pensa na patria que deixou distante
Quem na longinqua patria o amor deixou.
O avaro no seu oiro, e, palpitante,
Pensa o lirio na brisa que o beijou.

Pensa a avesinha no arraiar da aurora,
E o eunucho do harem pensa na huri;
Se tudo pensa no que mais adora,
Eu, em que hei de pensar? Eu penso em ti.

SIMÕES DIAS.

Vida íntima de ministros portugueses no tempo de D. João V

Não deixaremos o precioso livro do cavalheiro de Oliveira sem respigarmos algumas novas informações a respeito de varios assumptos importantes, cuja historia íntima desconheceríamos completamente, se não fossem as meias revelações que o cavalheiro de Oliveira nos faz incidentalmente n'um livro que não tem nem por sombras o caracter de *Memorias*, e onde as mais preciosas informações se acham engastadas n'umas dissertações extremamente seccantes e misturadas com umas semsaborias com pretensões a engraçadas, a que o auctor chama *Almanach infallivel*.

Um dos homens a quem elle se refere mais frequentemente é o conde de Tarouca, e as informações que dá a respeito d'elle devem ser averbadas de suspeitas, porque foi a desavença com o conde de Tarouca que o cavalheiro de Oliveira deveu o ter de sair do corpo diplomatico portuguez, de abandonar enfim a sua patria e a sua religião.

Apezar de tudo, o conde de Tarouca, mesmo pelo livro do cavalheiro de Oliveira se vê que era homem importante, estimado na corte de Vienna de Austria, e diplomata consciencioso e zeloso.

Era devoto? Todos o eram n'esse tempo, até o proprio cavalheiro de Oliveira. Contudo, já antes de deixar o catholicismo, começará este a ser um pouco livre pensador. Estando na legação de Vienna como secretario, discutia muito com o seu chefe, o conde de Tarouca, questões religiosas. O conde de Tarouca sustentava a idéa de que o Papa tinha mais poderes no Paço Olympico do christianismo do que o proprio S. Pedro, simples porteiro da casa. No seu entender o Papa podia fazer sair do Paraizo algum dos santos de menos importancia.

E' curioso este facto apontado pelo cavalheiro de Oliveira, porque mostra bem as transformações perfeitamente identicas que soffrem as religiões na sua successiva evolução. No seculo XVIII a classe sacerdotal tomára um immenso predomínio, quasi se transformára n'uma casta. Ora acontecia com elles o mesmo exactamente que succedia com os brahmanes. No periodo especialmente sacerdotal do brahmanismo, tinham elles feito penetrar no espirito dos crentes a idéa de que os brahmanes eram mais poderosos que os proprios deuses. Era exactamente o periodo em que entrava a religião catholica.

Apezar d'isso, o conde de Tarouca sempre se deixára influenciar pelas idéas das cortes em que vivera, a ponto de sustentar com o cavalheiro de Oliveira discussões, que em Lisboa o conduziriam á fogueira, apesar de ter um sobrinho inquisidor. Esse mesmo sobrinho fôra causa de umas palestras mais curiosas entre o conde de Tarouca e o seu secretario, sustentado que seu sobrinho, Nuno da Silva Telles, era um homem honradissimo, não obstante a sua qualidade de membro do Tribunal do Santo officio. Esse não obstante, como se vê, era muito pouco respeitoso para a Inquisição.

O cavalheiro de Oliveira sustentava, pelo contrario, que a qualidade de inquisidor e a de homem honrado eram incompativeis. Se estivessem em Lisboa, iam com toda a certeza concluir o seu debate nos carceres do Rocio.

O conde tinha, afinal de contas, algumas razões para não confiar muito na virtude dos padres. Havia uma rapariga que elle honrara com as suas preferencias, e que tinha de portas a dentro, porque a casara com um dos seus criados, chamado Rocha. Um bello dia a rapariga fugiu-lhe com o seu proprio filho, e furtou-a ao filho do conde o padre Domingos de Araujo Soares. Se o papa tirava santos do ceu, os capellães tiravam raparigas do asylo honesto, onde viviam em doce convivio com o marido, o patrão do marido e o filho do patrão. O padre Domingos naturalmente achou esta trindade pouco catholica e fez o sacrificio de se lhe substituir.

Não era muito feliz com a familia o conde de Tarouca. O filho fugira-lhe com a amante, o sobrinho era inquisidor, o irmão, o marquez de Alegrete, levára em Lisboa uma formidavel bofetada de D. Rodrigo da Costa, governador da India, e ficara com ella, de forma que o pobre cavalheiro de Oliveira não podia sustentar com elle uma conversação seguida. Se fallava em inquisidores e os descompunha, vinha a questão do sobrinho; se fallava em moços libertinos, ou em amantes velhos logrados por outros novos, lembrava o caso do filho; se fazia espirito acerca de uns sujeitos que guardam tudo, até os murros que apanham, parecia alludir ao irmão. Ora o cavalheiro de Oliveira, segundo parece, tinha o sestro de não fallar senão em corda em casa d'aquelle enforcado.

O que é certo, porém, é que o cavalheiro de Oliveira não se esquecia das suas bulhas com o conde de Tarouca, e aproveitava todos os ensejos para lhe ser desagradavel. Falla em ordem de Christo? Observa logo que um architecto de casa do conde, cha-

mado Valmagnini, a tratava com muita irreverencia, e que foi necessario que elle, cavalheiro de Oliveira, o fizesse calar, porque o conde de Tarouca não parecia muito resolvido a impôr-lhe silencio.

Se falla em dividas de jogo, lembra sempre, com grande falta de cavalheirismo, que o conde lhe ficou a dever um dinheiro que elle lhe ganhara.

Pois parece, mesmo pelas revelações do cavalheiro de Oliveira, que o conde de Tarouca era um diplomata zeloso, e que informava fielmente o seu governo de tudo o que se passava. Parece que na sua correspondencia diplomatica se devem encontrar curiosos pormenores acerca de uns celebres sacrificios á lua, que se faziam em casa do ministro de França, duque de Richelieu, sacrificios em que se misturavam actos de devassidão com brutalidades e superstições que prophetisavam o marquez de Sade.

Falla pouco de D. Luiz da Cunha este interessante narrador. Conta apenas que o conheceu muito velho, muito feio e muito devasso.

Estando na Haya, tinha uma amante judia, chamada Madame Salvador, feia mas provocadora e esportissima, e que dominava completamente o nosso velho e intelligentissimo diplomata. Acompanhou-o para França onde fez verdadeiramente escandalo o ministro portuguez, que estava já por tal forma tonto que não duvidou conferir-lhe a grã-cruz da ordem de Christo.

Do duque de Cadaval afirma que era um excellente homem, que tinha por amante uma gentil rapariga chamada Paulina, a quem perdoava, diz o malicioso cavalheiro, uma infidelidade por dia. Nem elle se cançava de lhe perdoar, nem Paulina de lhe ser infiel.

Belchior do Rego de Andrade é apenas apontado pelo cavalheiro de Oliveira como sendo seu visinho em Lisboa, e tão feio, tão feio, que o cavalheiro, enquanto era creança, o tomou sempre por um lobis-homem.

De José da Cunha Brochado conta que tivera a detestavel idéa de chamar feia á infanta D. Francisca, que era aliás lindissima. Se José da Cunha Brochado fosse contemporaneo de Rodrigo da Fonseca Magalhães, este lhe teria evitado o desfavor em que caio, porque essa rude franqueza não foi favoravel á carreira diplomatica do ministro portuguez, que, de mais a mais, ao que parece, não tinha bom gosto.

Um dia, Rodrigo da Fonseca Magalhães, orando, e referindo-se não sei já a que infanta, disse:

—A formosa princeza...

—Por signal que era bem feia! observou Garrett.

—Eu julgava, tornou Rodrigo com a maxima gravidade, que era contrario ás prerogativas da corôa chamar feia a uma princeza de sangue.

José da Cunha Brochado era da opinião de Garrett, e por tratar uma princeza como uma simples mortal, não lhe correram bem as coisas.

De D. Fr. Gaspar da Encarnação falla incidentalmente o cavalheiro, a proposito das desavenças de seu sobrinho, o marquez de Gouveia, com Valentim da Costa Noronha. Em Alexandre de Gusmão não falla. Enfim, entre todos os outros ministros de D. João V, apenas se refere muito incidentalmente a Antonio Guedes Pereira.

Antonio Guedes Pereira tinha uma casa de campo em Morfacem, ao sul do Tejo; era capellão da casa o padre Antonio Gomes, um d'estes padralhões da provincia, que ainda hoje se encontram pelas freguezias sertanejas, lapuzes, valentões, bons caçadores, tendo sempre o diabo na bocca, e, levando, como Deus o servido, a cruz do sacerdocio ao Calvario.

Oliveira, que era particular inimigo do dogma da transubstanciação, e com aquella ignorancia profunda da poetica do symbolo, que era commum a todo o seculo XVIII, esforçava-se por demonstrar que no vinho do sacrificio da missa não está o sangue de Jesus Christo.

Conta elle então varias partidas feitas a frades ou padres, e uma d'ellas foi deitarem uma porção de vinagre no calix de que se devia servir o nosso padre Antonio Gomes para dizer missa. O homem quando bebeu fez uma careta, mas conteve-se. Quando, porém, veio para a sacristia, a primeira coisa que disse, foi: O' senhores! hoje estava o diabo no calix! Tinha um gosto de seiscientos demonios!

Foi este mesmo padre Antonio Gomes, que disse uma vez uma missa por tres vintens, e, censurando-o por isso os seus collegas, respondia triumphante:

—Mas se vocês soubessem a missa que lhe eu disse! Qual missa, nem qual diabo! Aquillo não foi missa, nem foi nada.

Antonio Guedes Pereira poucas vezes estava, ao que parece, na sua quinta de Morfacem, e tinha lá um intendente, chamado Manuel de Abreu. O cavalheiro de Oliveira falla d'elle a proposito dos festejos de S. Martinho, querendo provar que elles têm um caracter perfeitamente pagão. Manuel de Abreu festejava o santo, saltando por cima de odres, juntamente com os seus convivas, entre os quaes figurava de certo em primeira linha o nosso padre Antonio Gomes.

A MORTE DO AMOR

Nunca deixo de experimentar uma sensação dolorosa, quando encontro nas ruas, puxado por uma ama distraída, um d'esses pequeninos carros de mão, que conduzem no seu fundo o corpo enfezado d'alguma criança anêmica e triste.

Seres rachíticos, de membros contrahidos e cabeças disformes; invalidos para *in eternum* se uma morte reparadora não chega depressa; manequins inúteis, às vezes de rostos formosíssimos, que amarga resignação é essa que se surprehende nos vossos olhos sem luz?

Essas pobres creancinhas teem uma tendencia innata para a quietação. Seguem com olhar triste e perguiçoso o vôo irrequieto dos passaros, e parecem desfallecer profundamente, quando passam a seu lado, saltando e rindo, outras crianças cheias de alegria e de saúde.

Para ellas, não ha sol, nem flores, nem abraços, nem beijos. Em casa espera-se sempre a hora em que deve acabar tamanho martyrio.—«O pobre pequeno soffre tanto! Melhor fôra que Deus o levasse para si!» Esta phrase é repetida de bocca em bocca; chega um momento em que ninguem, na familia, sente horror a idea da morte... Padece tanto o anjinho!—diz a mãe.

Por fim, a triste creaturinha é tratada como se trata um canario. A creada de quarto e a ama vão já ministrar-lhe machinalmente os seus cuidados; a uma hora determinada, expõem-n'o ao ar e ao sol; a outra hora, também fixa, trazem-n'o da rua para casa, sempre no carrinho de mão, enquanto a mãe, olympicamente recostada no seu *landau*, vae fazer o gyro da Avenida.

As tres quartas partes das mulheres do mundo teem horror á maternidade, como se fosse uma cousa que mancha e avilta. Não se pejam mesmo de o dizer; declaram-o com admiravel ingenuidade e com o mais fresco dos sorrisos.

A criança, para ellas, não é apenas a alegria do lar; é a lembrança viva de largos mezes de fadiga, em que o rosto se deforma e empallidece, fazendo do espelho um inimigo terrivel... Depois, aquelle dia de immensa dor, em que se ruge como uma besta e se agoniza sem o consolo de acabar de morrer!

A mulher não pode esquecer-se d'essa dor e d'esses rugidos, preludio das separações proximas, das disputas nervosas, do indifferetismo tenaz que mata pouco a pouco o amor.

Com o primeiro filho vem a lamentação surda e incessante da liberdade perdida, a lembrança do tempo em que se era mais nova e mais formosa, em que se tinha o seio mais rigido e a cintura menos grossa.

Desde então, marido e mulher caminham cada qual pelo seu lado. Apenas estão juntos um instante, á meza ou no theatro. Não medeia entre elles mais do que a cortezia correcta dos viajantes que vivem no mesmo hotel.

E se, por acaso, uma noite, o fogo quasi extinto se reanima; se o homem, para quem uma existencia tão falsa e tão vazia, é, talvez, dolorosissima, toma as brancas mãos da mulher que adorou e ajoelha diante da sua belleza, ella affastal-o-ha friamente, dizendo-lhe:—O quê?! uma nova loucura?!

Não são, as mais das vezes, os escrúpulos de consciencia, a religiosa sensação do peccado mortal e a lembrança de juramentos sagrados, que deteem a mulher prestes a cair. O que refreia n'ella o vôo dos desejos, é o temor do dia d'amanhã, o medo de ser mãe.

Não! que depois terá de renunciar aos passeios galantes, ás noites de S. Carlos, aos *five-o'clock tea* da *fashion* dourada, aos grandes *cotillons*, e trocar tudo isto pelos recantos ignorados e solitarios, pelas alamedas sombrias, pelas pequeninas *soirées* com os intimos da casa, diante dos quaes terá de apresentar-se com *robes de chambre* vaporosas, como uma Venus disforme.

Pensando n'estes horrores, muitas mulheres interrompem a comedia principiada, como se houvessem esquecido os seus papeis; sabem encontrar a tempo o gesto que mortifica, a palavra que gela, e affastam-se e fogem á tentação.

Mas se, por acaso, a comedia não poudo ser interrompida a tempo, se uma d'estas mulheres, delicadas como um suspiro, e que, pela mais simples dôr de cabeça, chamam vinte vezes o medico, chega a convencer-se da sua desgraça, que prodigios de energia! que furiosa loucura a que então se apodera de todos os seus nervos!

Antes de render-se, batalha sem cessar. Tortura o corpo horriavelmente; esmaga as carnes entre as blindagens do *corset*; mata-se de fadiga; recata as amplidões da forma, como se se tratasse d'uma cousa vergonhosa; valsa toda a noite; procura-se in-

digestões artificialmente e abusa dos passeios e dos banhos tepidos.

Quando se encontra entre amigas muito intimas, murmura-lhes ao ouvido as suas luctas, os seus tormentos.

—Fiz tudo isto, e ainda hei de fazer muito mais, para não ser mãe! diz ella.

Por fim, quando toda aquella lucta foi improficua, o que é que se nos depara diante dos olhos? Uns seres enfezados e rachíticos, os mesmos que ahí encontramos pelas ruas, no fundo d'um carrinho de mão, com o olhar amortecido e o sangue envenenado.

Vendo passar junto de mim alguma d'estas victimas, tenho chegado a perguntar:

—Não vira um dia em que seja impossivel substituir os vacuos formados pelas grandes hecatombes dos povos? Não teremos ainda de ver, nas cidades, a erva crescendo entre as pedras das ruas, trepando pelas paredes e occultando-nos as portas das casas vazias?

Este nosso seculo tem tido muitos nomes; chamou-se-lhe o seculo do vapor, da electricidade, da democracia, o seculo de Napoleão, de Bismarck e de Victor Hugo.

Talvez o seu nome seja outro; talvez deveressemos antes chamar-lhe o seculo ideal de Malthus, o terrivel philosopho das castidades economicas.

NAUTILUS.

PENSANDO EM TI

Se as rutilas estrellas suspeitassem
De teus olhos o vivido esplendor,
Talvez envergonhadas se apagassem,
E nunca mais de noite me ensinassem
As balladas d'amor.

Se o regato das aguas crystallinas,
Que se abraça ao açude a murmurar,
Adivinhasse as formas peregrinas,
E os thesouros d'amor, joias divinas,
Do teu corpo sem par,

Talvez sustasse a rapida corrente,
E junto ao salgueiral, parando, emfim,
Formasse um lago limpido e dormente,
Onde fosses banhar languidamente
Teu corpo de márfil.

Se a tua voz, suave como um cantico,
Fizesse, á tarde, a viração vibrar,
Talvez o pinheiral e o largo atlantico,
E até o rouxinol, velho romantico,
Deixassem de cantar.

Talvez que as pombas dos desertos brejos,
Se vissem teu olhar da côr dos ceus,
Voassem para ti, como os desejos
Dos meus mais puros e amorosos beijos
Voam aos labios teus.

E as rosas, as papoilas, as violetas,
Como o meu pobre e triste coração,
Se esfolhassem no ar doidas, inquietas,
Azas de perfumadas borboletas,
Para esteirar-te o chão!

ALVARO DE CASTELLÕES.

O TOIREIRO

Era tempo que essa perseguição cessasse. Durara já demasiado. Mas Laura não a toleraria nem mais um só dia. Não queria por fórma alguma ser o alvo de Madrid.

E era esse o perigo a que se expunha, o de a apontarem a dedo, na rua, entre risos escarnecedores, os bellos cavalleiros, as manolas que passeiam no Prado, e as altivas senhoras que passam reclinadas nas almofadas das suas carruagens.

Enrico! um toireiro, um homem que cada um vae ver ao circo por dinheiro, quasi um hístrião!...

Na arena, onde o sangue corre, onde os cavallos estripados jazem inertes, n'essa atmosphera de horror onde palpita a agonia de um povo, o toiro firma-se nas suas quatro patas, sacode



ILHA DO BISPO

a cabeça, deitando lume pelos olhos, e espera inabalável a suprema luta. Um homem apparece, aproxima-se, traz o peito coberto com um simples gibão de seda, um panno encarnado enrolado no braço esquerdo e na mão direita uma fragil lamina de aço.

Entrevista tragica, onde brilha o esplendor, o soberano poder, a coragem que faz d'esse ente fraco o senhor predestinado d'esse animal furioso.

Foi assim que elle lhe appareceu, tranquillo, sorrindo ao perigo, verdadeiramente bello, não tendo o menor ponto de contacto com os outros toireiros, distinguindo-se de todos pela rara elegancia, pelo grande ar de um gentleman disfarçado.

Enrico, ao entrar na arena, empunhando a espada, assimilhava-se a um homem de sociedade entrando em uma sala, com o claque suspenso, dos dedos enluvados, uma flor na casaca e um madrigal nos labios.

De resto, contavam-se d'elle historias...

Uma historia entre todas, a primeira, pouco conhecida, participando da legenda: qualquer cousa como um filho familia, arruinado por loucuras escandalosas, desaparecendo durante muitos annos e regressando, não se sabia d'onde, de uma America qualquer, para debutar em pleno circo real, em Madrid, onde tinha feito furor.

Seria em virtude d'esta legenda que ella se deixara captivar?... Captivar, é um modo de dizer.

Laura não era nenhuma cabeça doida, d'essas que sonham com o tenor frizado, que viram na vespera atravez das lentes do binoculo.

Miss Laura Dobson, passara á idade das canduras, admitindo que alguma vez as houvesse tido.

De que lhe serviria ter percorrido o mundo por espaço de quatro annos—Laura tinha vinte annos—acompanhada de seu pae, o ex-mineiro Nathaniel Dobson, actual proprietario, possuidor de um sem numero de dollars, cuja unica lei era o capricho da sua bem amada filha Laura? Na precoce liberdade da sua vida, miss Laura adquirira uma experiencia, uma força de vontade, que a perservava de cair em levandades...

E todavia, Laura commettera uma falta, ligeira é certo, mas que nem por isso deixava de ser o que em estylo mundano se chama uma inconsequencia.

No primeiro dia em que vira Enrico de pé, no meio da arena, dominando o toiro abatido aos seus pés, teve um momento de louco enthusiasmo, e enquanto em torno d'ella as hespanholas delirantes de jubilo, arrancavam as flores do peito para as arrojarem ao toireiro vencedor, Laura, esquecendo a sua habitual frieza de filha do Norte, deixára-se possuir pela mesma febre e atirára aos pés d'esse bello e valente rapaz o bouquet de flores raras que dormia nos seus joelhos.

Por desgraça, no acto de atirar o ramo caíra-lhe o carnet de nacar incrustado de ouro que tinha na mão; ao recolher da praça ao camarim, o espada achara no meio dos ramos esse carnet cheio de bilhetes de visita, que poderia passar por um convite.

O toireiro informara-se, o, galantemente, levára elle mesmo a carteira a casa de miss Laura, sem pedir para a ver, mas deixando bilhete.

A sua audacia não fôra mais longe.

Mas um dia, a fatalidade permittiu que nomeassem miss Laura Dobson ao seu lado, na rua. Viu-a, e, subitamente, apoderou-se d'elle um estravagante amor por essa admiravel creatura, que passeava ao sol da Hespanha a sua cutis de lyrio, os seus cabelos de ouro, os seus olhos azues claros. E desde esse dia a sua loucura augmentara, exasperando-se na impotencia, procurando as occasiões de avivar o seu tormento na contemplação do idolo defeso á approximação do desejo, arriscando comprometter-se pela muda confissão dos seus extasis, espiando as suas saídas, para achar-se vinte vezes em uma hora no seu caminho, levando emfim o desvario até ao ponto de vir esperar toda a noute, debaixo das suas janelas, o minuto em que podesse ver desenhar-se atravez do store a sombra do gracioso fantasma que o perseguia sempre...

Justamente n'essa noute acabava ella de reconhecer-o, absorto na sua silenciosa adoração.

Impaciente, nervosa, chamára a creada, e designando o importuno, que permanecia immovel em frente da janella, dissera-lhe: «Vai buscá-lo».

A peor de todas as inconsequencias!... Mas... que lhe importava? Queria acabar por uma vez com essa aventura, que a importunava. O unico meio era dizer-lhe claramente o que tinha a dizer-lhe. Seu pae saíra; tanto melhor, estaria mais livre.

Elle compareceu na sua presença, commovido, os labios tremulos.

Ella fallou em tom breve, incisivo e desabrido, indo sem preambulos direita ao facto, exprimindo o enfado que lhe causava essa incessante perseguição, exigindo da sua delicadeza uma abstenção, que a sua vontade saberia impor-lhe, analysando, não sem uma ironia um pouco altiva, a loucura d'esta paixão que se obstinava em um sonho sem esperanza... Porque emfim, que esperanza poderia elle alimentar que não significasse, perante a desigualdade das suas posições, uma impertinencia ou um insulto?...

Enrico interrompeu-a com voz suave e triste:

—Sabia tudo isso, minha senhora. Sabei-o, era uma tortura; ouvir-lh'o é a morte!

Ella fitou-o.

Enrico tinha os olhos marejados de pranto. Não accrescentou uma unica palavra, inclinou-se com profundo respeito e saiu.

No dia immediato, estando no circo, no seu lugar do costume, á espera da terceira corrida em que deveria tomar parte o toireiro Enrico, miss Laura Dobson viu approximar-se uma velha, que lhe offereceu um ramo de flores, dizendo:

—O seu bouquet, senhora.

Laura olhou para as flores que a desconhecida depozera nas suas mãos e viu um papel escondido nas rosas.

N'esse momento, o toiro entrou na praça. Todos voltaram a cabeça.

Miss Laura, sem ser vista, ponde desdobrar o bilhete o leu o que se segue: «Procure na sua sociedade um homem que seja capaz de fazer por seu respeito, o que eu vou fazer.»

«Enrico.»

O que iria elle fazer?...

Miss Laura teve um ligeiro calafrio.

Decorreram vinte minutos. O toiro, com os flancos rasgados pelas farpas, cego de raiva e de sangue, mugia na arena juncada dos corpos palpitantes de seis cavallos.

De repente, o toireiro appareceu; um murmurio de admiração percorreu as trincheiras.

Enrico, cujos fatos eram celebrados pela sua faustosa elegancia, pela riqueza e brilho das suas cores, estava todo vestido de preto. As meias de seda, o calção, a casaca de setim, os bofes de rendas, tudo era preto, de um preto sinistro. E do punho da sua espada, pendia uma fita de crepe...

Por quem estaria de luto o illustre Enrico?

O toireiro avançou lentamente, caminhando para a frente, sem uma hesitação, sem vacillar.

O toiro, como que assombrado perante uma tal audacia, parara, com o focinho estendido, fitando a pé firme o homem e esperando o. Em seguida, baixou a cabeça e preparou-se para atacar.

N'essa occasião, Enrico atravessou a espada nas mãos, quebrou-a no joelho e atirou fóra os pedaços. Depois, cruzou os braços, e de pé no meio da praça, esperou.

Um grito de espanto partiu de dez mil peitos, e no espaço de um segundo transformou-se em um grito de horror... O corpo do esbelto Enrico, atravessado de lado a lado pelas bastos do toiro, acabava de ser cu pido ao ar, caindo inerte, a quinze passos do animal furioso.

...Quando miss Laura Dobson voltou a si, o seu primeiro cuidado foi procurar o bilhete que segurava nos dedos crispados... O bilhete desaparecera.

E foi assim que se soube quaes tinham sido os bellos olhos que custaram a vida ao illustre espada Enrico.

JOSÉ MONTET.

DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

II

Republica de S. Marino

A republica de S. Marino vive independente e feliz no seu pequeno ninho do monte Titan, sobre rochedos alcantilados que distam do Adriatico apenas quinze kilometros.

No topo da montanha, dominando todo o territorio da republica, ergue-se a fortaleza da Rocca, com as suas velhas muralhas denegridas,—e a sua torre quadrada, cujo sino, tangido nos momentos solemnes, falla em nome da patria.

A cidade, que offerece um aspecto verdadeiramente original, porque as ruas são formadas pela sobreposição de degraus, isto é, verdadeiras escadas de pedra, possui, além da fortaleza da Rocca, alguns monumentos notaveis, taes são o palacio do conselho soberano, onde se enfileiram em galeria os bustos e retratos dos cidadãos illustres de S. Marino; a igreja d'esta mesma invocação (cathedral) de tres naves, de uma architectura simples e elegante, contendo os tumulos venerandos de S. Marinus, patrono da cidade, fundador da republica, e do consul Onofri, *Pae da Patria*, fallecido em 1825; varias outras egrejas e quatro conventos; o palacio da justiça, vasto e commodo; e ao sopé da montanha, se monumento se lhe pode chamar, a famosa gruta de Acqua-viva.

A cidade, como já tivemos occasião de dizer, conta unicamente 1,500 habitantes.



O ALISTAMENTO DE UM RECRUTA

O patrono da cidade e fundador da república, em cujo túmulo se lê na cathedra a singela inscripção

DIVO MARINO PATRONO
LIBERTATIS AUCTORI

foi um pedreiro dalmata, que no tempo da perseguição de Diocleciano aos christãos, vivia em Rimini empregado na construção da ponte. Chamava-se Marinus, e por conhecer o monte Titan, onde ia algumas vezes escolher pedra para a obra, lembrou-se de que aquelle monte podia offerer um seguro refugio aos christãos perseguidos.

O bispo de Rimini, monsenhor Gaudenzio, conhecendo a piedade de Marinus, associou-o ao padre Leo na missão de propagar o christianismo, tão duramente combatido por Diocleciano.

Não tardou muito que o bom Marinus, tendo-se elle proprio refugiado n'uma gruta do monte Titan, se visse rodeado pelos seus companheiros de infortunio, que escutavam com enlevo as suas cathequese e criam em prodigios por elle realizados.

Habitava perto uma dama romana, chamada Felicissima, que tinha dois filhos, e era encarnizada inimiga dos christãos. Chegou até ao palacio d'esta matrona a fama do eremita Marinus, e immediatamente estimulou ella seus filhos a irem castigar a audacia do pedreiro christão que ousava apostolisar nos seus domínios.

Por obedecer ás instigações maternas, deram-se pressa os dois moços em procurar o eremita, que com dedicada firmeza recebeu sereno as ameaças e vexames dos filhos da matrona. Mas como elles se houvessem exposto aos rigores do tempo, por apressarem a jornada, chegaram a casa doentes e, poucos dias volvidos, estavam gravemente enfermos.

Entrou-se de escrupulos a mãe sobre a causa da doença, attribuindo-a a castigo divino e, por que o seu coração chorava lagrimas de sangue ao ver os filhos em imminente perigo de vida, resolveu ir pedir a Marinus a intercessão das suas orações e cuidados para salvá-los.

O eremita accedeu piedosamente, os dois moços melhoraram e a conversão de toda a familia de Felicissima veio coroar este prodigio. Ella mesma, querendo testemunhar a Marinus o seu reconhecimento, doou-lhe como propriedade todo o monte Titan.

Fortalecido por esta inesperada protecção, Marinus pôde entrar mais desembaraçado na organização de uma pequena communa religiosa, em que a vida piedosa dos habitantes era amparada por modestos trabalhos mecanicos, que chegavam tambem para manter a decencia do culto divino no templo que Marinus e os seus companheiros de trabalho e virtude acabavam de erigir.

Foi pois d'esse pequeno grupo de homens livres e bons, reunidos pelos laços da fraternidade christã e social, que nasceu a república de S. Marino, predestinada a ser um baluarte da liberdade, defendido pela natureza com os alcantis inacessíveis do monte Titan.

Depois que o imperio romano do Occidente baqueou, e que toda a Italia se achava mergulhada na solidão, *in solitudine vacat terra*, affligida pelas incursões dos lombardos, pelas devastações dos mussulmanos e ainda pelas violencias dos imperadores do Oriente, a communa de S. Marino, graças á sua posição excepcional, pôde proseguir tranquillamente na obra da sua organização social e da sua facil defesa contra os barbaros, por isso que as proprias condições do terreno a favoreciam.

Foi assim que os habitantes de S. Marino, em vez de alargar o seu territorio pela força das armas, como quasi todos os outros povos, se acharam habilitados a augmental-o por meios legaes e pacíficos, affirmando desde todo o principio o seu respeito pelo direito de propriedade, comprando terras aos senhores de Carpegna e ao mosteiro de S. Gregorio in Conca.

A lucta, porem, dos guelfos e gibelinos, transportada da Allemanha para a Italia, não tardou a degenerar em rixas pessoais entre os guelfos partidarios da independencia italiana, protegidos pelo papa, e os gibelinos, protegidos pela casa de Suabia, que pretendiam escravizar a peninsula itala. Então, como se tinha visto em Roma no tempo de Marino e Scylla, a guerra civil arden entre nobres e plebeus, representando os gibelinos a aristocracia e os guelfos a democracia.

Ora o territorio da communa de S. Marino estava engravado no condado de Montefeltro, cujos habitantes pertenciam na quasi totalidade ao partido dos gibelinos. Esta circumstancia fez com que S. Marino se achasse envolvida tambem na lucta, ao lado dos gibelinos de Montefeltro, commandados pelo conde Guido. Mas esta sangrenta contenda terminou felizmente em 1292 pela paz de Romana, quando já a independencia de S. Marino havia sido reconhecida authenticamente por uma sentença do contencioso administrativo.

Foi o caso que o conego Theodorico, que em nome do bispo de Arezzo administrava o condado de Montefeltro, pretendia cobrar impostos na communa de S. Marino. Os marinenses reagiram, e o bispo, a cujo conhecimento subira a questão, não quiz empregar os meios violentos que certamente lhe aconselhava o conego. Por commum accordo confiou-se a arbitragem do litigio ao juiz de Rimini, magistrado integro e esclarecido que, examinando os factos, julgou no sentido de isentar os marinenses ao

pagamento de contribuições á mitra de Arezzo, por isso que constituíam uma communa independente e livre.

A questão parecia finda, quando os podestás Feretrinos suscitaram uma identica pretensão. Os marinenses appellaram para a decisão do papa Bonifacio, que confiou o estudo da questão a dois prelados assistentes ao solio pontificio, os quaes por sua vez delegaram a causa ao abbade do mosteiro de Santo Anastasio, situado a trez milhas de S. Marino, na diocese Feretrina.

Não consta de documentos conhecidos a resolução do pleito, mas parece fóra de duvida que fóra favoravel aos marinenses, por isso que tambem não ha noticia de novas exigencias por parte dos podestás Feretrinos.

Não obstante, a independencia de S. Marino não ficara ainda definitivamente garantida contra novos ataques.

O bispo de Montefeltro, Uberto, tendo tido querellas com os marinenses, obrigou-os a repellirem-n'os energicamente com as armas na mão.

O bispo Benvenuto, successor de Uberto, foi obrigado, pelas victorias dos marinenses, a assignar a paz em 1320. Mas Benvenuto jurou tirar vingança d'este vexame, e para o conseguir lembrou-se de recorrer a um processo ardiloso. Fez acreditar ao papa João XXII, energicamente empenhado em affirmar a imperiosa auctoridade da thiara, que a acquisição do territorio de S. Marino era muito conveniente aos interesses da diocese Feretrina, quando o que Benvenuto desejava era que o territorio de S. Marino, incorporado ostensivamente a Rimini, ficasse em poder dos Malatesta, inimigos antigos do povo do Titan.

O papa encarregou um legado de estudar a questão, mas em presença da attitud vigorosa dos marinenses, Rimini e os Malatesta tiveram que assignar a paz.

Algum tempo depois, o bispo Benvenuto fóra expulso por o bastardo Nicolau de Montefeltro. Deposto e abandonado, foi a S. Marino que teve de ir pedir asylo,—a S. Marino cuja independencia tempo antes quizera vender!

E S. Marino recebeu-o, dando-lhe asylo seguro!

Com rasão escreve Raymond de Boyer: «Que bello elogio para um povo, o que resulta d'este facto consagrado pela historia!»

Comtudo esta lição não bastou a confundir os prelados de Montefeltro, que successivamente tentaram submeter S. Marino. Um d'elles, o bispo Claro, chegou a corromper um marinense, Giacomo Pelizzarro, que lhe devia entregar a cidadella. Mas a traição foi descoberta, e Pelizzarro condemnado á morte. Outro bispo, Benedetto, renovou as tentativas do seu antecessor Benvenuto. O papa Bonifacio, dando-lhe ouvidos, concedeu-lhe, para armar o laço, uma jurisdicção espirital susceptivel de transformar-se um dia em poder temporal. Os marinenses mostraram-se indifferentes e calmos, e essa attitud firme e digna, auxiliada pelos condes de Urbino, fez mallograr mais esta nova pretensão da mitra de Montefeltro.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

O VESTIDO NUPCIAL

(IMITAÇÃO)

Chamava-se Celeste, e nunca este nome, de uma suavidade dulcissima, fóra mais bem empregado do que na meiga e delicada protagonista do nosso singelo conto.

Celeste era branca e loira,—de um loiro pallido de vinbeta ingleza, de uma brancura transparente de porcellana fina. No oval purissimo do seu rosto, nas linhas ondulantes dos seus contornos graciosos e flexiveis, havia alguma coisa de ethereo e indefinivel, que nos fazia lembrar vagamente aquellas virgens ideaes das balladas germanicas.

Ainda muito creança, ficara Celeste orphã de pae. Pairava-lhe o luto por sobre os alvares da sua juventude, e o luto arrastara comsigo, entre lagrimas e soluços, as crueis amarguras do desamparo e da miseria.

Ficara-lhe no mundo apenas o coração extremoso de sua mãe, e a confiança suprema que dá a fé illimitada na misericordia divina. E por que ambas—mãe e filha—eram habilissimas em todos os labores domesticos, em todos os primores da agulha, encararam, cheias de coragem, a sua situação realmente critica, e deitaram-se confiadas ao trabalho, unico recurso com que podiam contar para occorrerem, ainda que parcamente, ás necessidades da sua vida.

Com uma tenacidade persistente e laboriosa, lograram collocar-se ao abrigo de privações. As suas obras eram perfeitissimas, e por isso nunca o trabalho lhes escasseava, o que lhes garantia a subsistencia enquanto não as abandonassem as forças physicas.

Chegaram, portanto, a considerar-se relativamente ditosas. O trabalho era violento e excessivo, e a delicada saude de Celeste resentiu-se logo da fadiga. Em pouco tempo as rosas das suas faces apagaram-se inteiramente, e a pallidez do seu adora-

vel rosto tornou-se mais pronunciada e mais diaphana. Contudo, a energia moral não a abandonava um momento, e a pobre menina resignava-se com as inclemências do seu destino, acreditando cegamente que, depois de tantos espinhos, lhe havia de ser dado colher nos floridos ramos da vida algumas flores inebriantes de perfume.

A vida de Celeste era o mais recatada possível. Apenas sabia de dias a dias, e em companhia de sua mãe, para entregar as obras concluídas. Afóra esses rápidos passeios, a sua única distração consistia em assomar à janella, ao cair das tardes amenas, e n'alguns curtos momentos em que dava treguas aos seus labores, espaiar a vista ao longo da estreita rua em que habitava, olhando distraída para a multidão que perpassava, n'um borborinho ruidoso cheio de animação e de vida.

O amor, porém, adejava perto da pobre creança, e um dia veio roçar-lhe com as suas azas de fogo o coração até ali adormecido na mais descuidosa tranquillidade. Desde esse dia Celeste entregou-se com menos assiduidade à sua costura, distraía-se com frequência, e suspendendo o trabalho, muitas vezes se quedava pensativa, com os formosos olhos afogados n'uma doce languidez.

O namorado de Celeste era um elegante rapaz, sentimental e apaixonado, que em cartas repassadas de ternura lhe descrevia, com o fogo do mais vehemente entusiasmo, o violento amor que ella lhe inspirara. Accrescia a isto ser pallido, de estatura delicada, e possuir um bigodinho loiro correctamente frisado nas guias—predicados estes de grande valor para um rapaz que se propõe dar assedio a um coração feminino.

Não é, pois, para admirar que Celeste se entregasse com a mais effusiva ternura áquelle primeiro amor, que lhe fazia vibrar no intimo do peito umas sensações deliciosas e estranhas.

A linguagem de Arthur era eloquente e persuasiva, cariciosa e terna, e a pobre creança facilmente se convenceu de que era amada com sincero ardor por aquelle rapaz, que com tão impetuosa verbosidade sabia descrever os seus sentimentos.

E para sermos justos, devemos dizer que os protestos do enamorado moço não eram apenas um artificio refalsado, uma simples armadilha de que elle usasse para mais facilmente haver ás mãos a timida pomba cuja posse ambicionava.

Arthur amava Celeste. Educado nos habitos de uma vida louca e estragada, acostumado unicamente a aventuras faceis com bellezas venaes, surprehendera-o e captivara-o de um modo singular aquella delicada e ingenua creança, aquelle doce conjuncto de bondade e de pureza, digna em tudo da mais respeitosa adoração.

Eram por isso generosos e honestos os seus propositos. Estava sinceramente convencido de que seria feliz se lhe desse o seu nome, assegurando-se assim a posse tranquillada da mais candida e formosa creatura que até então conhecera.

Firme n'esta ideia, que lhe exaltava a imaginação, naturalmente entusiasta e ardente, tratou de ir pedir-lhe em casamento.

Para Celeste foi este o dia mais feliz de toda a sua vida. Arthur pintava-lhe com as mais brilhantes cores o risinho futuro que lhe offerecia, e renovou mil vezes os seus protestos de um amor eterno; ella, com a cega confiança da innocencia, em tudo acreditou, e assim contrahiram ambos, no meio da mais effusiva alegria, a solemne obrigação de pertencerem um ao outro por toda a vida.

A mãe de Celeste é que se mantinha n'uma circumspecta reserva para com o noivo de sua filha. A sua razão, esclarecida pela experiencia do mundo, não ignorava os perigos de semelhantes affeições, e não era por isso de admirar que uma tal ou qual desconfiança toldasse aos seus olhos aquelle horizonte cor-de-rosa, onde a ingenua e credula menina só descortinava o amor e a felicidade.

Contudo, o procedimento de Arthur era para destruir totalmente essas suspeitas. A sua paixão, longe de esfriar, parecia recrudesce de dia para dia, e não havia obstaculos que elle não superasse para abreviar o enlace consagrado e legitimo, que tão sofredamente mostrava desejar, como um penhor da mais inalteravel ventura.

As despesas do enxoval da noiva deviam correr todas por sua conta. Ella queria que Celeste brilhasse a par das mais bellas, não só pela sua formosura, como tambem pelo esplendor das suas *toilettes*, e não ignorava que as economias mais restrictas da pobre menina nem mesmo ao cabo de longos mezes chegariam para adquirir o mais modesto vestido de noivado.

Esse vestido quiz Celeste fazel-o por suas mãos. Empenhou n'esse trabalho todos os seus esforços, toda a sua pericia inextinguível; consumiu com elle noites inteiras de vigilia, em que a sua mente se povoava de douradas e radiantes illusões, enquanto as suas mãos habilissimas se entregavam ao labor da obra, que afinal ficou um verdadeiro primor.

Marcou-se o dia em que devia celebrar-se o consorcio. Celeste sentia-se louca de alegria, imaginando-se já unida para sempre ao homem que tão profundamente idolatrava. Ia ser esposa, brilhar na sociedade, levar, enfim, uma existencia repleta de amor e de jubilos!

Por uma inexplicavel transformação, porém, Arthur entrou de repente a mostrar-se menos apaixonado e menos assiduo. Ce-

leste não podia attingir as causas de tão subita mudança, que profundamente a martyrisava; mas os juramentos do seu noivo, desculpando-se sempre com diversos pretextos, de prompto a tranquillizavam, fazendo-lhe renascer a pacifica quietação do seu espirito.

Ainda decorreram assim algumas semanas. Por fim Arthur não podia já disfarçar o seu enfado, que cada vez era mais visível. Veio então uma circumstancia inesperada precipitar os acontecimentos.

Um visinho de Celeste entrou a requestal-a com a maior insistencia, embora sem o menor resultado; e Arthur, sabedor d'isto, agarrou-se ao pretexto que tão favoravelmente se lhe offerecia, e depois de increpar Celeste, com a maior dureza, de desleal e de traidora, declarou o rompimento. A pobre menina ainda tentou a reconciliação, buscando justificar-se, mas tudo debalde. Arthur foi inexoravel para com a pretendida falta, e dias depois dirigia a Celeste uma carta, dizendo-lhe que estavam concluídas as suas relações e que partia para o estrangeiro.

Ferida tão descaradamente, no mais intimo do coração, pela setta hervada do infortunio e da perfidia. Celeste, nos primeiros momentos, ficou verdadeiramente allucinada. A sua dôr foi tão profunda e amarga, que a infeliz, sem forças para supportal-a, cahiu de cama, gravemente enferma.

Prolongou-se a doença, e em resultado d'ella, sendo-lhe prohibido todo o trabalho, os seus recursos depressa se esgotaram. Por fim entrou em convalescença. O medico que lhe assistia declarou estar curada a enfermidade do corpo, mas ser incuravel a da alma. A pobre creança passava os dias chorando, com o pensamento constantemente fixo n'aquelle que tão perfidamente trahira as suas promessas e os seus juramentos.

Para occorrer ás custosas despesas de um tratamento rigoroso, como o que fôra prescripto á enferma, tudo foi vendido ou empenhado, de modo que, em pouco tempo mãe e filha estavam reduzidas ás circumstancias mais criticas. Já lhes não restava senão o vestido destinado ao casamento de Celeste.

Até então tinha-o guardado religiosamente, porque a idéa de se desfazer d'elle a affligia tanto como se se tratasse de lhe arrancar um pedaço da sua alma. Queria conserval-o, como recordação das illusorias esperanças que alimentara, durante os dias de felicidade que consumira trabalhando n'elle; mas até d'essa mesma consolação teve de privar-se, e um dia, depois de muito hesitar, resolveu-se a procurar quem lhe quizesse ficar com o vestido.

No seu intimo, quasi desejava Celeste que ninguem o quizesse, mas não succedeu assim. Uma menina abastada, que estava para casar, mandou-lhe recado para que levasse o vestido a sua casa, afim de ajustar a compra, no caso de lhe agradar. Celeste encheu-se de animo para consumir aquelle sacrificio que a necessidade lhe impunha, e dirigiu-se á casa indicada. A elegancia do corte, o primor dos enfeites, e o bem acabado da obra em geral, foi encarecido e exaltado com palavras de louvor. O negocio concluiu-se logo, e Celeste, depois de receber o preço convenicionado, ia a retirar-se, chorando de pesar e de agradecimento pela generosidade da compradora, quando uma creada, entreabrindo a porta, soltou estas palavras em tom confidencial:

—O sr. Arthur encarregou-me de pedir á menina que o desculpasse de se haver retirado sem se despedir, o que foi devido a uma causa imperiosa e urgente.

Celeste, que estava já á entrada da porta, deteve-se ao ouvir o nome de Arthur, como se a houvessem pregado n'aquelle local. Depois, voltou-se de subito, e caindo de joelhos, em attitudão supplicante, exclamou com a voz afogada em pranto:

—Minha senhora, desculpe-me V. Ex.^a se sou indiscreta, mas diga-me por piedade: esse cavalheiro, cujo nome ouvi ha pouco pronunciar, tem o appellido de Vasconcellos?

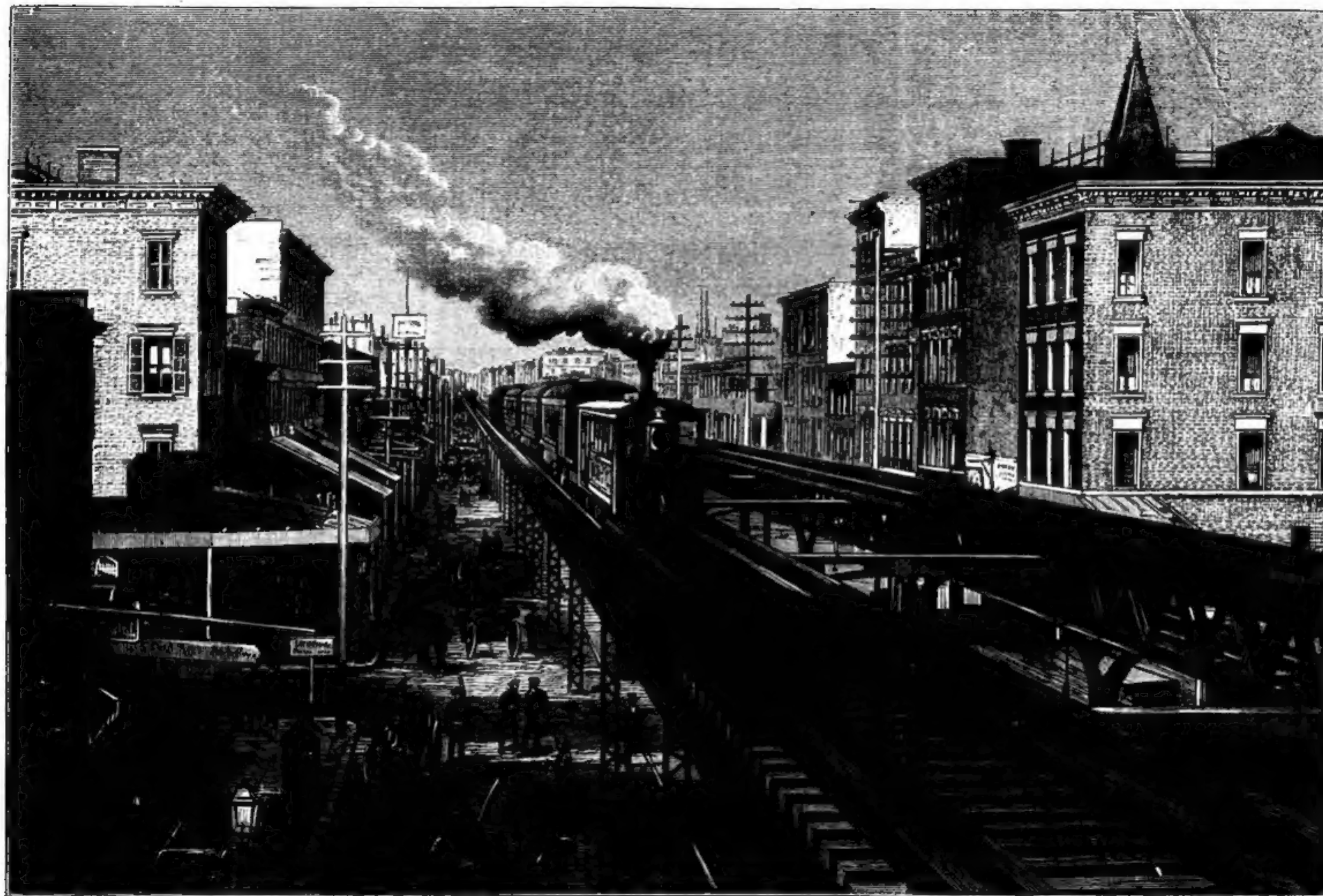
—Exactamente... Dar-se-ha caso que o conheça? E' meu primo e ao mesmo tempo meu noivo.

Não ouviu mais nada. No estado de fraqueza em que se encontrava, não pôde resistir á noticia. As pernas fraquejaram-lhe, accommetteu-a um violentissimo ataque de tosse, e em seguida cahiu redondamente no chão, presa de um terrível deliquio.

Celeste foi transportada immediatamente para sua casa, mas a enfermidade d'esta vez era mortal. Não houve esforços humanos capazes de salvá-la. Ao cabo de um mez, abria-se no cemiterio uma cova, destinada a receber o corpo inanimado da desditosa creança, que expirava serena e tranquillada, consagrando o seu ultimo pensamento áquelle que devia ter sido o seu noivo, e que afinal não foi mais do que o algar da sua existencia.

N'esse mesmo dia, os jornaes de Lisboa, nas secções destinadas á chronica da sociedade elegante, noticiavam minuciosamente o auspicioso enlace de Arthur de Vasconcellos—um cavalheiro muito digno e muito distincto—com a sua elegante e formosa prima, D. Beatriz d'Almeida.

MAGALHÃES FONSECA.



CAMINHOS DE FERRO AEREOS, EM NEW-YORK

AS NOSSAS GRAVURAS

O PIANISTA FRANZ LISTZ

Falleceu ha dias em Bayreuth, na Baviera, este famosa pianista, sem contestação o primeiro do mundo.

Franz Listz nascera a 22 de outubro de 1809 em Raiding, na Hungria. Começou a sua vida artistica aos seis annos de idade; aos nove dava o primeiro concerto de piano; e aos dezeseis entusiasmava calorosamente os professores e amadores em Paris.

O grande pianista deixa muitas composições de notavel belleza, e uma serie de polemicas, acerca de assumptos artisticos, em que apresentou outro aspecto do seu privilegiado engenho. A controversia mais afamada foi a que sustentou com Thalberg.

Listz fez parte do triumvirato Listz—Wagner—Schumann.

A sua reputação artistica attingiu um grau superior a tudo quanto podia imaginar-se. Listz teve uma legião de mulheres fanaticas e enamoradas pelo seu talento. Entre ellas, contaram-se até princezas de sangue.

ILHA DO BISPO

A nossa estampa representa a ilha do Bispo, no Gran Menau, costa do Maine.

Briher, um paisagista muito notavel, vendo o aspecto formosissimo d'aquella ilha, não ponde resistir á tentação de o reproduzir n'um quadro, e com tal verdade e tanta arte o fez, que o seu trabalho é ainda hoje considerado na America como um dos mais valiosos que os seus habéis pinceis teem produzido.

O ALISTAMENTO DE UM RECRUTA

Eil-o ali, o triste, prestes a trocar a enxada pela espingarda, o lar pela caserna, o nome de baptismo por um simples numero. N'aquelle tempo, ainda o recrutamento era aquillo que ali se vê na gravura. Hoje, o processo pelo qual se chamam as fileiras do exercito os mancebos, é muito outro. Mas se o processo varion, o recruta ficou e ficará sendo o mesmo. E se não, digam-nos se aquelle camponio do seculo passado não tem o mesmo aspecto, a mesma expressão alvar, e o mesmo desconcertado gesto dos que ainda hoje vemos chegar das nossas aldeas, aos quartéis da cidade, sobraçando o exiguo espolio, cuidadosamente embrulhado n'um lenço de chita de cores variegadas e vivas.

O quadro está primorosamente composto, e d'entre todas as figuras sobressaê, pela naturalidade com que está desenhada, a do recruta, que é, sem duvida, a principal da tela. Por ella vemos que não só os recrutas d'este seculo continuam a ser o que eram os do seculo passado, mas que em todos os paizes têm o mesmo aspecto simplorio e bonacheirão. A's vezes, porém, sob uma apparencia quasi idiota, occulta-se o arrojo e o valor de um heroe.

CAMINHOS DE FERRO AEREOS, EM NEW-YORK

Em New-York, como em todas as grandes cidades dos Estados-Unidos e da Inglaterra, todos os homens que se entregam a qualquer ramo do commercio, teem os escriptorios no centro da cidade e a sua casa n'outro sitio distante do bulicio da população e da agitação dos negocios. D'isto resulta que, ás 9 horas da manhã e ás 5 da tarde, um movimento consideravel de passageiros se dirige d'um ponto para o outro. A configuração de New-York, edificada n'uma lingua de terra em forma de dedo, muito estreita e muito alongada, entre Hudson e o rio d'Este, obriga os commerciantes a fazerem longos trajectos para ir da extremidade d'este dedo, onde está o centro commercial, para a outra onde estão construidas as casas particulares. Foi para diminuir as distancias que se construíram os caminhos de ferro aereos, representados na nossa gravura.

Columnas de ferro rectangulares, com vinte centímetros por lado, dispostas isoladamente, sustentam uma via ferrea com as suas locomotivas, os seus rails e os seus wagons, como os postes que marginam os nossos caminhos de ferro sustentam os fios telegraphicos.

A rua estende-se a perder de vista, sempre em linha recta, ladeada por casas axadrezadas, com riscos brancos, a imitar tijolo.

De cada lado da rua, por cima das cabeças dos cavallos, sustentada por columnas de ferro, assenta a linha ferrea. Por baixo, circula a multidão, trotam carruagens ás dezenas, vibram com intensidade as vozes estridulas de milhares de vendedores ambulantes.

Para evitar os descarrilamentos, a via está mettida entre fortes barrotes; uma carruagem que salte fóra da linha, não pode de modo algum precipitar-se na rua.

O preço de cada viagem, n'estes caminhos de ferro, é de 100 réis, seja qual fór a extensão percorrida.

O ASCENSOR MECHANICO DA CALÇADA DO LAVRA

Foi este o primeiro ascensor mechanico que se estabeleceu em Lisboa. Depois d'elle, fez-se o da calçada da Gloria e vão ainda montar-se outros, de reconhecida utilidade, taes como os das calçadas da Estrella e da Graça.

A empresa dos ascensores mechanicos afigura-se-nos destinada a um brilhante futuro na capital. Os dois que já funcionam, teem tido um movimento assombroso, representado por milhares de bilhetes vendidos. Por aqui póde avaliar-se o resultado que darão a empresa as outras linhas projectadas.

A nossa gravura representa a subida e a descida dos carros no plano inclinado da calçada do Lavra, a estação ao cimo da rampa, e um dos carros preparando-se para a descida.

As acanhadas dimensões do nosso semanario inibem-nos de fazer a descripção do material circulante do ascensor e do mechanismo do seu movimento.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

(A A. Felix Candeira)

A primeira é comparativo d'este sentimento—1—1.
Este appellido, em Melgaço, provoca a hilaridade—2—1.
Lançando esta vogal no Oceano, verás um verbo—1—2.

Lisboa.

J. BELLINGE DA MATTA.

(A Francisco P. Campos)

Esta interjeição suja esta planta—1—1.
Na musica, nas portas e nas albardas—1—2.

Porto.

A. JULIO DA SILVA MELLO.

Este adverbio e este numero, na musica, formam esta mulher—1—1—1.

Faro.

CAROLINA.

Não é triste esta provincia, porque corre—1—2.
Este appellido corre para esta arma—3—2.
Temos esta interjeição na musica e nas flores—1—1—1.

Faro.

CANDIDA.

EM VERSO

E' impropria d'homem serio,
Por ser dissimulação.—2
Se procuram nas imagens,—1
Com certeza me acharão.

Que conceito devo dar
A tão pobre charadita?
Não sei bem, mas é mister,
Para ficar mais bonita;
E portanto elle ahí vae,
Reparem bem no que diz:—
«E' bem facil de encontrar,
«Se pegar no seu nariz.»

Santa Comba-Dão.

RICARDO D'ALMEIDA.

EM QUADRO

. Banhada pelos mares ruidosos,
. congénere da argilla e do granito,
. roubaram-te os romanos poderosos
. e por todos os tristes és maldito!

Porto.

M. M. & M.

Logogriphos

(Por letras)

E' parte essencial da vida humana,—1, 9, 10, 11, 5, 2
E vive lá nas ondas do Oceano,—1, 10, 9, 7, 10
Sim! no mar alteroso!—4, 5, 3, 1, 10
No campo de batalha tem denodo,—6, 10, 9, 4, 12
Aos historiadores causa damno,—4, 5, 6, 7, 13
Tão perfida, malvada... alma de lodo!—4, 8, 9, 7, 12

O conceito não é difficultoso:
Não vá buscal-o a Roma, ao Oriente,
Hoje vive. Quer mais, meu curioso?

Porto.

M. M. & M.

Pergunta innocente

Qual o peixe, meus leitor's,
—Não creiam ser isto tretas—
Que pr'a imitar os peraltas,
Tambem usa de lunetas?!

Vizen.

PEQUENO ANTONINHO.

Enigma (salto de cavallo)

tão	gun	men	a	mo	Não
te. 2	des,	sa,	tel	gual	pri
da	bel	so	for	du	hen
A	Siml	vi	i	ma	tão
la,	é	mu	mu	tra	lher
é	lher. 2	at	mu	lher	é

Começa e acaba nas casas deseguaes.

Porto.

M. M. & M.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Picapau—Novella—Bambolina—
Penacova—Odemira—Violairo—Bistorta—Gramata—Arpão.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Pandemo—Eupatorio.

DAS CHARADAS TELEGRAMMAS:—Lagosta—mocadão—querena—
telbado—gagata—parada—bisalto—caráco—pataco—barata—
tapada.

DOS LOGOGRIPHOS:—Governador civil—Lavoisier.

DO ENIGMA:—Hypsipyle.

DO PROBLEMA DO N.º 2 —16 kilogrammas.

A RIR

Uma menina da Baixa diz, entre amigas:

—Aborrego de morte esta moda dos vestidos curtos!

—Porque?

—Porque, quando ha lama, não se podem levantar.

—Encontrei hoje o Silveira, que me disse friamente:

—Ha pessoas que nunca estão contentes! Acabo de fallar com um individuo, que lastimou o tempo em que tinha calos nos pés.

—Que original!

—E' verdade que esse individuo tem hoje duas pernas de pau!!!

Bêbé está dando ao papá a sua lição de Historia sagrada, e pergunta-lhe:

—Dize-me, papásinho: qual é a razão porque Nosso Senhor, depois de resuscitar, appareceu primeiro ás mulheres?

—E' porque queria que a noticia se espalhasse mais depressa.

UM CONSELHO POR SEMANA

AGUA VEGETO-MINERAL

Sub-acetato de chumbo..... 15 a 20 grammas
Agua..... 1.000 "

E' um resolutivo e seccativo poderoso para inflammções e feridas. Juntando-se-lhe uma ou duas colheres de aguardente, obtem-se a agua de Goulard, geralmente empregada para golpes, contusões, queimaduras e frieiras.

TRAÇOS DA HISTORIA CONTEMPORANEA

A fé dos tratados

(SANTA ALLIANÇA)

II

O congresso de Vienna impozera-se o dever de restaurar a Europa, satisfazendo todos os desejos desenfreados dos grandes e dos pequenos principes e mantendo entre as potencias uma especie de equilibrio de forças. Considerára igualmente indispensavel levantar uma forte barreira diante do espirito novo que campeava em França, passava todas as fronteiras, e, mais temivel que os exercitos de Buonaparte, continuava a ameaçar o direito divino que devia ser sustentado em toda a Europa.

Conseguiram, porém, o seu intento os soberanos, os principes e os diplomatas que, com esse duplo fim, trabalharam em Vienna desde 1 de novembro de 1814 a 9 de junho de 1815?

Que resta hoje d'esse edificio levantado pela acta final do congresso?

Faça-se esta pergunta á carta geographica da Europa em 1886, que ella responderá eloquentemente.

Os acontecimentos passam depressa, deixando apenas uma ligeira impressão na memoria dos contemporaneos, e é por isso que vamos descrever aqui, de um modo synthetico, mas preciso, as transformações successivas effectuadas desde 1815 na constituição politica e territorial da Europa, sahida do Congresso de Vienna, o maior acontecimento diplomatico do seculo XIX.

Historiaremos com imparcialidade e dando a palavra aos factos.

Os homens illustres que edificaram a Europa de 1815 trabalharam sobre areia, e em vez de darem por alicerces á sua obra o progresso da humanidade, a evolução natural dos individuos e

dos povos para a liberdade e para a justiça, só se preocuparam com a ambição egoísta de alguns príncipes, e com o regresso às instituições antiquadas, que já não correspondiam aos costumes, às necessidades e às aspirações das nações modernas.

O Congresso, nas suas deliberações, não se importou com os povos propriamente ditos. Os documentos diplomaticos da época abundam em addições ou subtracções, cujos algarismos, alinhados uns debaixo dos outros, representam almas lançadas a credito ou a debito d'este ou d'aquelle feliz mortal de sangue azul. A ambição armada e a intriga bem succedida fizeram o resto.

N'este singular balanço (permitta-se-nos mais este termo commercial), de 1815, em que a humanidade foi tratada como um objecto de trafico, veem-se declarações, compromissos, tratados,

narchas contratantes (russo, prussiano, e austriaco) ficarão unidos por laços indissolúveis, e, considerando-se como compatriotas, prestarão uns aos outros, em qualquer occasião e lugar, assistência, ajuda e soccorro; sendo para os seus subditos e exercitos como paes de familia, dirigil-os-hão no mesmo espirito de fraternidade, visto estarem animados a proteger a religião, a paz e a justiça.»

Este tratado, que tem a data de 26 de setembro de 1815 e as assignaturas de Frederico, Guilherme e Alexandre, foi apresentado aos lords Wellington e Castlereagh, os quaes responderam que «o parlamento, composto de homens positivos, só daria a sua adhesão a um tratado de soccorro ou alliança, e nunca a uma simples declaração de principios biblicos, que faria retrogradar a Inglaterra ás épocas dos santos e de Cromwel.»

O principe regente de Inglaterra assignou por fim uma especie de adhesão ao tratado da Santa Alliança, ao qual o principe de Metternich ponde dar um caracter mais pratico pelo tratado de alliança effectiva, concluido a 20 de novembro seguinte, entre as côrtes da Austria, da Grã-Bretanha, da Prussia e da Russia.

As potencias alliadas, prevenido que «os mesmos principios revolucionarios que teem sustentado a ultima usurpação criminosa, poderiam ainda, sob outras formas, assolar a França e ameaçar tambem o repouso dos outros estados», — compromettiam-se a deliberar entre si — «as medidas necessarias para a segurança dos seus estados respectivos, e para a tranquillidade.» — Resolveram, além d'isso, que, em épocas determinadas, se celebrassem reuniões em que seriam tomadas as medidas que mais salutaras parecessem para o repouso e prosperidade dos povos e para os senhores absolutos da Europa. A essas reuniões deveriam assistir os soberanos ou os seus ministros.

D'esta resolução sahiram as declarações de Aix-la-Chapelle (novembro de 1818), confirmando mais uma vez a Santa Alliança dos reis contra toda e qualquer tentativa revolucionaria; e as do congresso de Troppau (dezembro de 1820), em que foi confirmado o principio de intervenção contra o carbonarismo, que em Napoles imposera uma Constituição ao rei das Duas Sicilias.

As potencias exerceram um direito incontestavel occupando-se a decretar em commum medidas de segurança contra os Estados, nos quaes a mudança de governo, operada pela revolta, devia ter por consequencia uma attitudé hostile contra todas as constituições e governos legitimos.

O principe de Metternich respondeu ao principe de Cernille, enviado napolitano, que os soberanos alliados — «conservariam invariavelmente as instituições antigas contra os ataques dos innovadores e dos sectarios».

Esta politica de intervenção armada, contra o direito popular, recebeu a sua consagração no congresso de Laybach (12 de maio

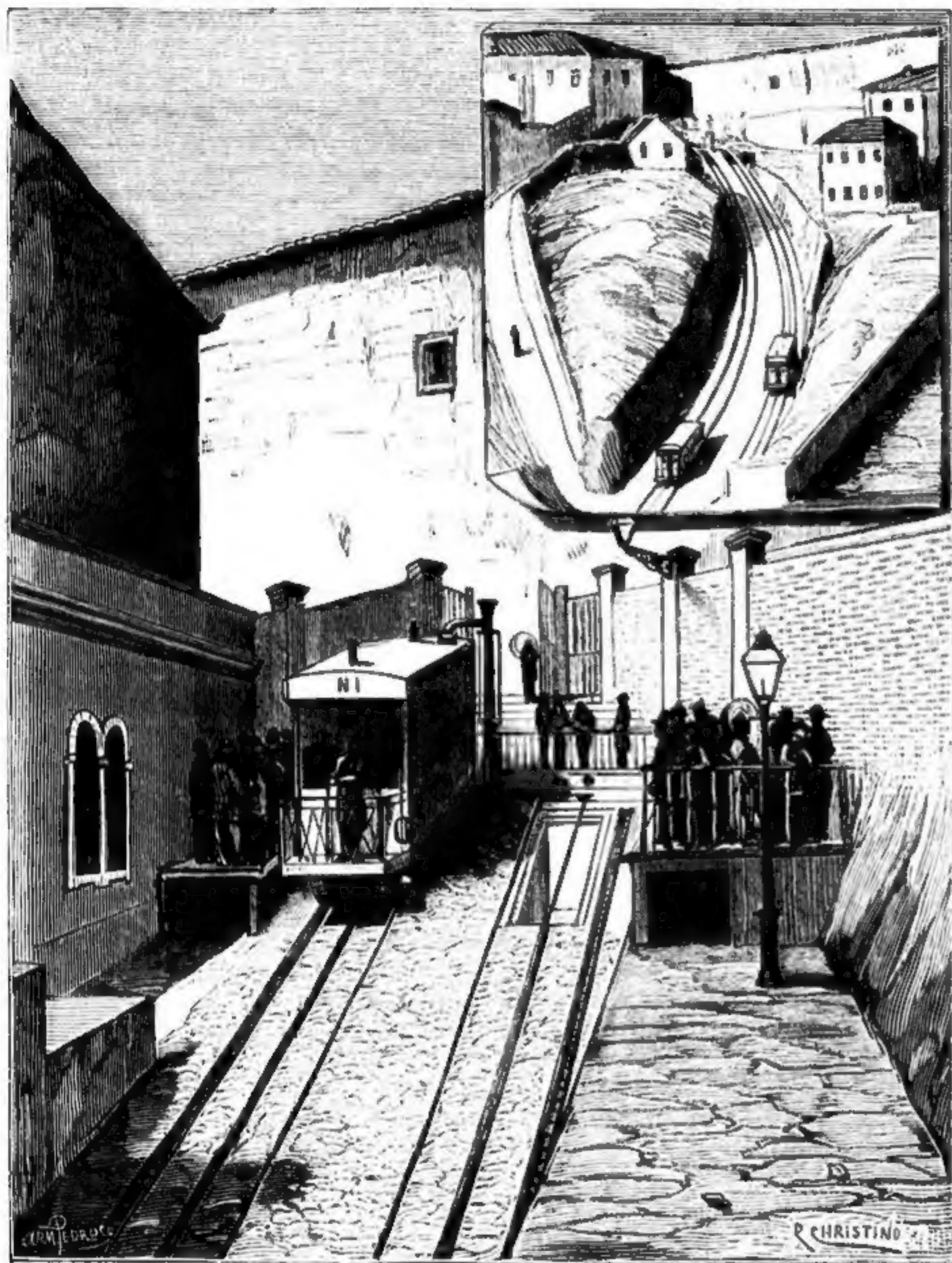
de 1821). A Austria tornou-se o braço forte da Santa Alliança, e occupou militarmente Napoles e o Piemonte. — «Os soberanos, dizia uma circular, não poderam deixar de conhecer que só havia uma barreira a oppôr a essa torrente devastadora.» — a occupação estrangeira Esta occupação cessou por deliberação do congresso de Verona (11 de dezembro de 1822).

Nessa occasião já os promotores da Santa Alliança haviam comprehendido, e talvez confessado mutuamente, que aquella repressão era um poderoso agente que atejava o fogo da revolta no seio das nações opprimidas.

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O ASCENSOR MECHANICO DA CALÇADA DO LAVRA

um arsenal inteiro de medidas repressivas, imaginadas e adoptadas com o fim de impedir a emancipação dos povos, e, como uma suprema trincheira levantada diante da soberania nacional, o direito de intervenção em todos os reinos, estipulado pela Europa da Santa Alliança, que o principe de Metternich transformou n'uma agencia de politica internacional.

A ideia de uma liga permanente, estabelecida entre os soberanos, fôra aventada durante os cem dias (20 de março a 29 de junho de 1815), pelo imperador Alexandre, o mystico christão. Segundo as memorias d'esse tempo, foi a sr.ª de Krudner quem lhe dictou o tratado da «Santa Alliança», cujo primeiro artigo foi assim redigido:

«Em conformidade com as palavras das Santas Escripturas, que ordenam a todos os homens que se olhem como irmãos, os tres mo-